



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETROS
LISBOA

Resenha crítica do artigo “*Thucydides and Documentary History*”

Seminário de Metodologia do Trabalho Científico

Docente: Prof.^a Doutora Maria de Fátima Reis

Discente: Filipe Paiva Cardoso, nº. 134784

Mestrado em História
Especialidade em História Antiga

Departamento de História

Lisboa, dezembro de 2017

FOX, Robin Lane, “Thucydides and Documentary History”, *The Classical Quarterly*, vol. 60, nº. 1, Cambridge University Press, Maio 2010, pp. 11-29.

Autor de inúmeros artigos e livros dedicados à História Antiga, Robin Lane Fox é um classicista inglês, professor emérito e *reader*¹ da Universidade de Oxford, colecionando já alguns prémios literários relativos aos trabalhos que escreveu sobre Alexandre, o Grande, Antiguidade Tardia ou o período arcaico da Grécia Antiga. Nesta região, Fox também estudou e se debruçou sobre Tucídides, historiador que nos deixou um relato extenso e quase completo sobre a guerra do Peloponeso, ocorrida no último terço do séc. V a.C.

O artigo que escolhemos analisar visa precisamente o texto que Fox dedicou a Tucídides, onde é abordada uma das várias ramificações possíveis nas análises ao historiador grego e sua obra, nomeadamente a “estreia” da escrita histórica assente em citações diretas de documentos diplomáticos, um tipo de citações que, por exemplo no caso dos livros de Heródoto, antecessor quase imediato de Tucídides, não se encontram². Este é um dos campos onde os estudos *Tucídidianos* se aprofundaram nas últimas quatro décadas³, com o raio de investigação que parte dos escritos do historiador a tornar-se cada vez mais amplo. Além do método, também os valores, modo de pensar ou dados antropológicos que nos deixou nos oito livros em que foi dividida a sua obra têm sido alvo de particular atenção, tal como o seu papel enquanto cientista político ou até psicólogo de multidões e da natureza humana⁴.

Tendo Tucídides sido participante ativo no conflito sobre o qual escreveu, convém situá-lo no mesmo. O escritor grego foi um dos generais atenienses na Guerra do Peloponeso (433-404 a.C.), tendo sido responsabilizado por uma derrota na região da Trácia em julho de 424 a.C., da qual resultou a sua deposição e exílio de Atenas, onde regressaria apenas com o fim do conflito, em 404 a.C., muito perto da data da sua

¹ Grau do sistema académico inglês para reconhecer um académico de carreira e reputação significativa a nível internacional, seja em investigação, seja em ensino.

² “What we cannot do is point to a verbatim quotation of any Greek text of alliance, treaty or pre-treaty in his [Herodotus] Histories.”, p. 13.

³ “The last forty years have seen a number of notable changes in Thucydidean studies: the focus has shifted from Thucydides’ method of investigation to modes of representation, from Thucydides’ values to his way of thinking, from the quest for anthropological constants and national characteristics to interpretations based on sociological and political categories”, in Antonios Regakus e Antonis Tsamakis (ed.), *Brill’s Companion to Thucydides*, Holanda, Leiden, 2006, p. xvii.

⁴ Vide Idem, *ibidem*, p. xviii.

morte. Já o último livro que nos legou chega aos factos ocorridos até 411 a.C. A data de fixação das várias partes da *História da Guerra do Peloponeso* (HGP) será, ao que sabemos, uma das dúvidas que ficarão além da nossa geração, alimentando, no entanto, acessos debates e teorias desde há muito.

Antes de entrar de forma aprofundada na discussão sobre o uso e citação integral de documentos oficiais por parte de Tucídides, Robin Lane Fox lembra que este é um ângulo de investigação que se tornou particularmente significativo a partir de 1876, ano em que se descobriu no Teatro de Dioniso em Atenas, na encosta Sul da Acrópole, a inscrição do texto que criou a aliança entre Atenienses, Argivos e outros, cuja formulação é idêntica à partilhado por Tucídides no livro V⁵. A partir desta altura intensificaram-se pesquisas, investigações e propostas sobre o papel que este historiador desempenhou ao nível da escrita histórica baseada em documentos ou tratados, citados de forma literal, e até que ponto tal decisão terá sido inovadora. Dentro deste campo, também emergiu o debate sobre o porquê de estas citações serem um recurso que Tucídides puxa apenas a partir do livro IV⁶, ainda que antes disso sejam referidos documentos, porém nunca citados diretamente.

Fox começa por revisitar as principais teorias⁷ sobre o porquê da alteração de método a meio da obra por parte do historiador grego, não só por representar uma ‘quebra’ face aos livros I, II e III, como por não existir qualquer referência a este tipo de metodologia na parte do livro que dedica a explicar os seus mecanismos de investigação e objetivos que procura concretizar na sua obra⁸. Recusando quase todas as teorias que enumera, o académico avança de seguida para a tentativa de identificação da fonte que terá fornecido a documentação a Tucídides para, a partir daí, montar a sua teoria sobre não só o porquê do uso de documentos, como o porquê de tal ocorrer apenas na segunda metade da HGP.

Nas teorias enumeradas, Lane Fox destaca aqueles que veem na opção do historiador grego o desejo em dar maior ênfase à degradação das lideranças gregas a partir de certa altura dos acontecimentos, passando por quem aponta que a decisão

⁵ “This remarkable find has been somewhat dulled by the passage of time, but it was the first major discovery of an inscribed text which overlapped with an equivalent text in an ancient historian since the discovery of the Lyons Tablet nearly three centuries earlier”, p. 11.

⁶ Vide Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, 1^a edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, Livro 4, parágrafo 118 (4.118).

⁷ Vide pp. 11-12.

⁸ Vide idem, *ibidem*, 1.21-22.

representa o desejo de Tucídides em oferecer aos leitores versões integrais de tratados e alianças para que eles próprios tirem conclusões, terminando por lembrar os que defendem que a diferença não está no método, antes no estado de prontidão da obra à hora da morte de Tucídides, salientando-se que na eventual edição final dos livros as passagens seriam extirpadas do mesmo – tal como teria acontecido nos primeiros livros.

A “vontade de concentrar atenção na falência do sistema grego naquele momento, em especial no Peloponeso” é a primeira teoria analisada por Lane Fox no seu artigo, argumento montado por H. D. Westlake⁹ no início da década de 1970. Mas Lane Fox lembra que Tucídides consegue ser explícito sobre essa mesma falência em várias passagens dos seus livros, não precisando para isso de recorrer a qualquer prova documental, razão pela qual não atribui particular pertinência à teoria de Westlake. Segue-se a visão de Tim Rood¹⁰, segundo a qual a inclusão de documentos visa dar aos leitores o entendimento integral dos tratados, incluindo a especificidade dos termos usados. O argumento em falta neste caso é a explicação do porquê de tal começar a ocorrer apenas no Livro IV, omissão suficiente para Fox riscar também esta teoria.

Outras duas perspetivas são recuperadas pelo autor nesta viagem sucinta pelas principais teorias à volta do uso de documentação oficial por Tucídides. Primeiro a de Simon Hornblower¹¹, que vê na decisão do historiador grego uma vontade de tornar evidente para qualquer leitor o seu grau de minúcia e precisão, ângulo que Fox também recusa precisamente pela mesma omissão referida anteriormente: esta teoria não explica o porquê de tal acontecer só na segunda metade da obra. Desfecho diferente tem a visão proposta por Ronald Syme¹², que fica sem resposta, pelo menos de forma direta. Para Syme, tudo se deve a um problema de edição final nos últimos livros de Tucídides, ou da falta desta. No artigo em análise, Robin Lane Fox só indiretamente contraria esta opinião, ao defender que a inclusão dos documentos é deliberada e elencando motivos, aproveitando a referência inicial a Syme para recordar uma das maiores problemáticas associadas aos oito livros em que foi dividida a *História da Guerra do Peloponeso*¹³, a datação e sequência da composição dos livros.

⁹ Vide H.D. Westlake, “Thucydides and the uneasy peace – a study in political incompetence”, *Classical Quarterly*, vol. 21, Cambridge University Press, Maio 1971, p. 315-325.

¹⁰ Tim Rood, *Thucydides: Narrative and Explanation*, Oxford, Oxford University Press, 1998.

¹¹ Simon Hornblower, *A commentary on Thucydides*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 1996.

¹² Ronald Syme, *Thucydides*, in *Roman Papers*, vol. 6, Oxford, Oxford University Press, 1962, p. 39-56.

¹³ “His [Syme] view reminds us how Thucydides’ nine cited texts have been central for more than a hundred years to that equally intractable question, the strata of the *Histories*’ composition both before and after 404 B.C.”, p. 12.

Partindo então do ponto de vista que nenhuma das teorias está correta, Lane Fox dedica então grande parte do seu artigo¹⁴ à tentativa de reconstruir as diferentes vias através das quais Tucídides terá tido acesso aos nove documentos que vai citar a partir do Livro IV, reconstrução durante a qual, porém, aparenta perder um pouco do seu foco inicial. A busca pelas fontes que permitiram a Tucídides ter acesso aos tratados e acordos acabam por ganhar predomínio sobre a questão do “porquê” da citação desses documentos só se iniciar na segunda metade da obra. Nesta fase do artigo, Fox também avança para a desmontagem das visões de outros autores sobre quem terá fornecido documentação oficial ao historiador grego, tornando-a excessivamente densa.

Partindo os nove documentos citados pelo grego em três partes¹⁵, Robin Lane Fox acaba por colocar o ónus de fonte de Tucídides em Lichas, um espartano, filho de Arcesilas, nomeado como *proxenos*¹⁶ de Argos, e personagem próxima dos círculos do poder, incluindo de Atenas, círculos onde Tucídides também se movimentava. A participação ativa de Lichas na negociação de vários dos documentos citados pelo historiador grego, mas também o facto de surgir como o único nome diretamente citado por Tucídides como envolvido nas negociações (p. 17), destacando-se, portanto, dos demais negociadores, são alguns dos factos que levam Fox a identificar em Lichas a fonte primordial por detrás da divulgação integral de documentos e tratados na segunda metade da *HGP*¹⁷.

Quanto à questão do porquê de as citações integrais surgirem apenas a partir do Livro IV, Robin Lane Fox avança com mais do que uma explicação, seja com origem no próprio Tucídides, seja na sua fonte primordial, Lichas. Para começar, Fox lembra que o início da transcrição de documentos coincide com o exílio de Tucídides de Atenas, razão pela qual o historiador tenha sentido necessidade de evidenciar de forma clara de onde vinham as informações que utilizava, ao mesmo tempo que celebrava o acesso às mesmas¹⁸. Depois, Fox vira também atenções para o impacto que os textos anteriores de Tucídides terão tido nas diferentes *Poleis* envolvidas no conflito, e de

¹⁴ Vide pp. 13-26.

¹⁵ Cinco documentos celebrados entre Esparta e povos que não Atenas (p. 13-18); as tréguas entre Atenas e Esparta de 423 a.C. (p.18-22), o primeiro documento citado por Tucídides; e três que poderão ter sido consultados pelo historiador em inscrições gravadas perto de Atenas ou em Olímpia (p.22-26).

¹⁶ Espécie de embaixador de Esparta em Argos, se nos permitirmos o anacronismo em nome da simplificação.

¹⁷ “For the moment, it suffices that one and the same Lichas, so hospitable to foreigners, was an active participant in the two longest clusters of diplomatic texts which Thucydides cites, five texts in all. Lichas, I suggest, gave him his copies of them. They came to him because Lichas leaked”, p. 18.

¹⁸ “It was the first written trophy of historical relevance during his years of exile and, proudly, he copied it into his *Histories*”, p. 22.

como tal impacto pode ter motivado Lichas a aproveitar a proximidade a Tucídides para ficar registado para a história¹⁹. Esta é uma ideia nada estranha para quem está habituado aos meandros e metodologias mais associadas ao jornalismo, papel que o historiador grego também desempenhou: afinal escrevia sobre eventos não só seus contemporâneos como em que participou de facto. É que muitas são as fontes que apenas o são para assegurarem que 1) a informação que é publicada é a que lhe mais convém e/ou 2) para garantir o devido crédito – ou até reclamar o que não é seu.

Depois de “encontrar” a fonte principal dos documentos e de avançar com a teoria do porquê do início das citações num ponto tão tardio da obra, Fox aborda então a suposta omissão que Tucídides dedica relativamente ao uso de documentos oficiais nas explicações iniciais sobre o seu método de investigação, ponto de onde chegará uma outra resposta. Para o autor, as pesquisas de Tucídides que resultaram na obtenção dos documentos são também resultado das relações interpessoais do historiador, razão pela qual o mesmo não os distingue como uma qualquer “special technique”²⁰ que mereça maior referência que as já presentes no arranque do Livro I²¹.

Concluindo então que os documentos surgem sobretudo à conta das relações interpessoais do historiador grego, Fox aponta que tais práticas são próximas das de outros historiadores gregos, cujos textos se baseavam também em testemunhos e entrevistas presenciais sempre que possível (p.26), não identificando por isso o aparecimento de uma nova fase de ‘investigação documental’ na primeira citação integral presente em Tucídides – “They do not mark a new-found passion for ‘documentary research’”²².

Apesar destas conclusões surgirem acompanhadas com muitos exemplos de práticas de outros historiadores antigos, certo é que não nos parecem suficientemente desenvolvidas, especialmente se, como era nossa expectativa, considerarmos que estas iriam ser o foco principal do artigo. Se por um lado o título não indicia o grau de especificidade a que chegará a discussão sobre as fontes dos documentos citados por Tucídides, esta até acaba por merecer maior destaque do que o debate sobre o carácter inovador (ou não) das citações documentais. É que quando falamos da *História da*

¹⁹ “His *xenos* [convidado] Thucydides, he learned, was still beavering away at his *Histories*. How better for Lichas to ensure immortality and keep the disputed record straight than by giving this earnest author copies of the two Argive texts”, p. 22.

²⁰ Vide p. 25.

²¹ Vide Tucídides, *Op. Cit.*, 1.21.

²² Vide p. 27.

Guerra do Peloponeso, falamos de uma obra onde o predomínio é dado à “palavra” ao invés da “acção”, sendo esta uma das características essenciais de Tucídides, historiador que “devota uma parte considerável da ‘História’ à deliberação pública, dando tanta atenção à forma dos debates prévios à tomada de decisão, como às acções que resultam dessa mesma decisão”, conforme sintetiza Antonis Tsakmakis²³.

Talvez por isto esperaríamos um artigo mais focado nos “porquês” da divulgação destes documentos e não de outros, ou uma argumentação mais desenvolvida na consolidação das conclusões finais. É que apesar da investigação sobre a fonte de Tucídides nos possa dar uma forte indicação do interesse da mesma em ver esses documentos divulgados, o que essa pesquisa acaba por não reforçar de forma significativa é o debate sobre os “porquês” do aparecimento destes só a partir do Livro IV, e qual o papel destas citações directas no contexto geral da evolução historiográfica subsequente. Os dois pontos são abordados e respondidos por Robin Lane Fox, é certo, mas dado o título do artigo esperávamos uma maior profundidade.

²³ Vide TSAMAKIS, Antonis, “Leaders, Crowds, and the power of the image: Political communication in Thucydides”, *Brill’s Companion to Thucydides*, Leiden, Holanda, 2006, p. 161.

Fonte:

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, 1.ª Ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

Bibliografia:

FOX, Robin Lane, “Thucydides and documentary history”, *The Classical Quarterly*, vol. 60, Cambridge University Press, Maio, 2010, pp. 11-29. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40984736>

HORNBLOWER, Simon, *A commentary on Thucydides*, vol. 2, Oxford, Oxford University Press, 1996.

RENGAKOS, Antonios, TSAKMAKIS, Antonis, (ed.), *Brill's companion to Thucydides*, Leiden, Brill, 2006.

SYME, Ronald, “Thucydides”, in *Roman Papers*, vol. 6, Oxford, Oxford University Press, 1991.

ROOD, Tim, *Thucydides: Narrative and Explanation*, Oxford, Oxford University Press, 1998.

WESTLAKE, H.D., “Thucydides and the uneasy peace – a study in political incompetence”, *Classical Quarterly*, vol. 21, Cambridge University Press, Maio, 1971, p. 315-325. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/637784>